

## UM PALCO E DOIS CENÁRIOS: ENTRE A MORALIZAÇÃO E A OBEDIÊNCIA E OS RITUAIS DE PARTILHA\*

**Iêda Oliveira Mota<sup>1</sup>**

*ieda.mota@ifpa.edu.br*

**Márcio Xavier Bonorino Figueiredo<sup>2</sup>**

*bonorinosul@gmail.com*

**<sup>1</sup>Instituto Federal do Pará (IFPA)**

**<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)**

### RESUMO

Caracteriza esta pesquisa como um estudo de caso do tipo etnográfico, na qual utilizamos a observação participante para investigar os lugares e a forma como se manifestam as culturas infantis de uma turma do 4º ano em Oriximiná-PA. Os resultados apontaram que a sala de aula é o lugar preferido das crianças para realização das suas brincadeiras. Entretanto, a escola precisa reconhecer a importância das culturas infantis para o desenvolvimento e construção do conhecimento infantil.

### PALAVRAS-CHAVE

*Culturas Infantis; Brincadeiras; Crianças*

## INTRODUÇÃO

Muitos estudos comprovam que as crianças ao chegarem à escola carregam consigo uma diversidade de conhecimentos e vivências que são compartilhados em outros tempos e espaços, entre pares e outras gerações. São experiências vivenciadas por meio de jogos e brincadeiras que, na grande maioria, são desvalorizadas pelas escolas nas quais estão inseridas. Uma das razões pela depreciação do acervo cultura das crianças na escola possa se dar devido a predominância de uma cultura escolar hegemônica, que valoriza conhecimentos pouco significativos a determinados contextos, ou devido a ocorrência de práticas docentes descontextualizadas e que possuem pouca relação com a produção cultural das crianças.



\* O presente texto não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.



A partir dessas observações e entendimentos, os caminhos que nortearam esta pesquisa foram investigar os lugares onde se manifestam as culturas infantis de uma turma do 4º ano em Oriximiná-PA. Cohn (2009) sinaliza que devemos ter cuidado ao utilizarmos o termo cultura infantil, pois segundo a autora este termo pode nos remeter ao sentido de universalizar a infância, isto é, tomá-la como única. Ela considera mais adequada a expressão culturas infantis, pois assim é possível considerar as particularidades socioculturais das crianças, considerando o contexto na qual estão inseridas, pois as singularidades existentes é que tornam esta categoria geracional, que é a infância, plural e diversificada.

Entretanto, buscar estas particularidades em seus contextos, compreender as culturas infantis que chegam e são desenvolvidas na escola, bem como dar visibilidade a estas manifestações, torna-se um desafio dentro de um universo institucionalizado, na qual a voz do adulto e as práticas educativas com tendências homogêneas são dominantes. Desse modo, conhecer os lugares onde acontecem as brincadeiras das crianças dentro da escola, ouvir suas vozes, compartilhar das suas experiências é uma forma de nos aproximarmos daquilo que a criança sabe, o conhecimento não escolarizado, manifestado em suas socializações, em suas culturas infantis e, o que a escola, enquanto espaço institucionalizado, se propõe a ensinar.

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa se caracteriza como qualitativa, na qual utilizamos o estudo de caso do tipo etnográfico. Conforme Sarmiento (2003, p.152), o estudo de caso do tipo etnográfico, conta “como uma investigação qualitativa, no quadro do paradigma interpretativo, trazendo uma nova dimensão aos estudos qualitativos, os da natureza sociocultural da investigação”. Nesse interim, o estudo de caso etnográfico conta como fontes de evidências a observação direta dos acontecimentos que estão sendo estudados, ou seja, o pesquisador está lá, ao lado dos sujeitos, interagindo com eles e participando até certo ponto de suas experiências. Neste estudo os sujeitos foram 29 crianças, alunos (as) de uma das turmas do 4º ano de uma escola pública de Oriximiná-PA.

Para obtenção de dados, utilizamos a observação participante registradas em um diário de campo. A observação participante foi o ponto central da pesquisa, para tanto seguimos as proposições sinalizadas por Graue e Walsh (2003) sobre a observação com crianças. Eles pontuam que “um observador participante está lá, não atrás de um ecrã ou de um vidro, mas ao lado das crianças, capaz de ouvir o que está a ser dito, interagindo com elas e partilhando até certo ponto das suas experiências” (2003, p.133). Desta forma, a observação participante nos possibilitou acompanhá-las de perto, nos lugares da escola que elas frequentavam, assim como, suas ações, suas interações e suas brincadeiras. Os dados provenientes das observações foram categorizados e tomados como fio condutor desta escrita.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante o período em campo, percebemos que quando as crianças não estão realizando suas tarefas de estudantes, elas estão brincando. Brincam e ocupam os espaços, que não foram projetados para o brincar; mas, com o passar do tempo, tornaram-se os “seus lugares” legítimos. Segundo Tuan (1983), existem diferenças entre espaço e lugar, “espaço se refere a algo mais abstrato, o que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e dotamos de valor” (TUAN, 1983, p.06).

Por conseguinte, constatou-se que a sala de aula era o lugar favorito das crianças. Por essa razão, neste texto, metaforicamente, ela será representada por um palco, o qual mudava de cenário de acordo com os atores. O primeiro era dirigido pela professora, protagonista nas cenas, responsável pela organização da sala e das atividades que as crianças realizavam. O espetáculo era conduzido por uma voz disciplinadora, que normatiza o processo de ensino e aprendizagem. Nesse cenário, as crianças eram coadjuvantes do processo, quando queriam atuar nas cenas, eram interpeladas com avisos de que era preciso silenciar.



Na concepção da professora, para as crianças aprenderem havia necessidade do silêncio, da disciplina, os corpos precisavam estar “imóveis”, sentados nas cadeiras. Neste sentido, Arroyo (2010, p. 165) nos lembra que “manter os alunos silenciados é a negação de uma matriz educativa elementar: só há educação humana na comunicação, no diálogo, na interação entre humanos”. No silêncio, os alunos poderão aprender saberes fechados, competências úteis, mas não aprenderão a serem humanos. Não aprenderão os domínios das múltiplas linguagens e o talento para o diálogo, a capacidade de aprender os significados da cultura.

Embora os estudos e o cotidiano apontem mudanças no comportamento dos alunos, ficando para trás as imagens de alunos dóceis, disciplinados, obedientes, os (as) professores (as) ainda permanecem com as mesmas ferramentas para moralizar e disciplinar. Em suas falas, se utilizam da proteção que está por trás do seu palco de atuação, como por exemplo, a figura da diretora. A imagem da diretora como recurso para disciplinar aparece em diversas situações, quando se “rebelam”, quando copiam devagar ou quando não querem fazer as atividades.

Observamos que as cenas dirigidas pela professora permanecem envoltas com a moralização, a obediência, com a rotina fechada, silenciosa, imposta pelos sistemas educacionais com o intuito de preparar a criança para um futuro que está por vir; como uma sementinha que deveria ser cultivada para se transformar em um futuro cidadão, pois é preciso prepará-las para a vida adulta, para a vida do trabalho. O controle social estabelecido nas escolas é visível, as regras são apresentadas e junto a elas impõe-se o castigo.

Como nos lembra Arroyo (2009) a imagem do aluno mudou, não são mais os mesmos. Contudo, as nossas imagens de professores, de escolas, continuam as mesmas. A escola foi inventada como um espaço especializado na troca de conhecimentos, nas aprendizagens de competências, onde professores têm um papel insubstituível, mas também como uma instituição de intercâmbio de gerações, de semelhantes e diversos, onde tanto os professores quanto os aprendizes tem papéis insubstituíveis.

Nesse interim, quando as crianças ficavam sem atividades dirigidas pela professora, elas brincavam. Chamava bastante atenção a variedade, o uso coletivo e pacífico do espaço “reservado” as brincadeiras na sala. A manifestação das brincadeiras organizadas pelas crianças se dava de duas formas: a primeira, na presença e com a permissão da professora. Brincavam, primeiramente, as crianças que terminavam suas atividades, como uma espécie de “compensação” para aqueles que concluíam com rapidez suas tarefas e também uma estratégia utilizada pela professora que poderia auxiliar os demais ou executar suas atividades da docência sem a interferência das crianças.

Nessas brincadeiras o comportamento das crianças era mais contido, acreditamos que tais atitudes sejam decorrentes das normas inerentes às escolas. Como nos lembra Leite (2011, p.86), na escola, os mecanismos de repreensão (repressão) usados para manter a ordem, a distância e o poder ainda estão muito presentes. Um exemplo disso se dava nos jogos de travinha e peteca realizado pelos meninos e, as brincadeiras de rodas pelas meninas, nessas socializações as crianças riam e falavam menos, pois tinham ciência que a aula não havia encerrado e, assim, reprimiam seus desejos e controlavam seus impulsos para a manutenção da ordem.

Durante o recreio, a maioria das crianças ficava na sala, e nesse momento entrava em cena o segundo grupo de brincadeiras organizadas pelas crianças. Eu, única adulta naquela plateia, observava o espetáculo produzido pelos atores, que encenavam seus melhores papéis no palco da vida. Gostava de vê-los experimentarem a liberdade propiciada pelo riso largo, pela fala alta, pelos gritos, pelo subir e descer das cadeiras, pelos rabiscos no quadro, a pira-pega entre as cadeiras, o jogo da bola, o jogo da peteca, “a invasão de alienígenas na terra” e as guerras entre o bem e o mal.

As interações e o prazer proporcionados pelas brincadeiras permitem que as crianças avancem em suas “experiências afetivas sobre o espaço, agrupam valores que reorganizam o seu estar no mundo”, (COELHO, 2008 - p.177). O que de fato diferencia esses dois cenários é a brincadeira com suas interações típicas da infância que transformam, por meio da imaginação, o espaço vivido em espaço afetivo. A referida autora



nos afirma que a brincadeira possibilita à criança conhecer-se a si mesma como um ser ativo e criativo, tornando-a competente no explorar e responder ao meio, quando trabalha com situações e elementos do seu contexto.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas manifestações de suas culturas infantis, as crianças mostram suas compreensões de mundo e compreendem sua participação neste mundo de uma forma bastante lógica e criativa. Elas acompanham as transformações históricas e sociais e, também produzem mudanças, configurando-se assim agentes ou atores históricos e sociais. Descobrir o que as crianças pensam e sentem não se mostra com facilidade ao adulto. É preciso estar atento e procurar o que não está na superfície.

Reconhecer que as crianças dispõem de um conhecimento válido e em suas interações fazem diversas relações, criam estratégias, bem como são capazes de avaliar e vivenciar vários papéis, são pontos de partida para que as escolas abram espaços de discussões para o significado da brincadeira, para o professor e para o aluno. Ademais, o reconhecimento do brincar e das brincadeiras, como fator que contribui para o desenvolvimento e construção do conhecimento infantil é uma forma de compreender as culturas infantis como conduta livre que favorece o desenvolvimento da inteligência e também como instrumento de educação para o ensino de conteúdos.

## ONE STAGE AND TWO SCENARIOS: BETWEEN MORALIZATION AND OBEDIENCE AND RITUALS OF SHARING

### ABSTRACT

Characterizes this research like a case study of the type ethnographic, where we use participant observation to investigate the places and the way of children's cultures manifest themselves with a class from 4<sup>th</sup> year at Oriximiná-PA. The results pointed that the classroom is the favorite place of childrens for the execution of their game. However, the school on screen needs to recognize the importance of children's culture to the development and construction of children's knowledge.

**KEYWORDS:** *Children's Cultures; Child's Play; Children.*

## UN PALCO Y DOS CENARIOS: ENTRE LA MORALIZACIÓN Y LA OBEDIENCIA Y LOS RITUALES DE PARTIR

### RESUMEN

Caracteriza esta investigación como un estudio de caso del tipo etnográfico, en la cuál utilizamos la observación participante para investigar los lugares y la forma que se manifiestan las culturas infantiles de una clase de 4º año en Oriximiná-PA. Los resultados apuntaron que la sala el aula es el lugar preferido de los niños para la realización de sus jugar. Sin embargo, la escuela precisa reconocer la importancia de las culturas infantiles para lo desarrollo y construcción del conocimiento infantil.

**PALABRAS CLAVES:** *Culturas Infantiles; Juegos; Los Niños.*



### REFERÊNCIAS

- ARROYO, M. *Imagens quebradas: trajetórias e tempos de alunos e mestres*. 5ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- ARROYO, M. *Ofício de mestre: imagens e autoimagens*. 12ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- COELHO, G. N. *Brincadeiras na favela: A constituição da infância nas interações com o ambiente*. IN: SARMENTO, Manuel Jacinto; VASCONCELLOS, Vera Maria Ramos de, (Orgs). *Infância (In) visível*. Araruama, SP. Junqueira & Marin, 2007.
- COHN, C. *Antropologia da Criança*. 2ª edição, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.
- GRUAE, E.; W, D. J. *Investigação etnográfica com crianças: teoria, métodos e técnicas*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.
- LEITE, Maria Isabel Ferraz Pereira. *O que falam de escola e saber as crianças da área rural? Um desafio da pesquisa no campo*. IN: KRAMER, Sonia; LEITE, Maria Isabel. *Infância: fios e desafios da pesquisa*. 12ª edição – Papyrus. São Paulo: 2011.
- SARMENTO, M. J. *Imaginários e culturas da infância*. *Cadernos de Educação*, Pelotas Fae-UFPel, n. 21, p.51-69, jul/dez.2003.
- TUAN, Y. F. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

